



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

MUDAR DE VIDA

josé mário branco, vida e obra

Nelson Guerreiro

Projecto cinematográfico para obtenção do Grau de Mestre em

Cinema

(2º ciclo de estudos)

outubro de 2010



APRESENTAÇÃO

O projecto de mestrado apresentado no suporte audiovisual pretende retratar a vida e obra do músico português, José Mário Branco. Este retrato foca sobretudo a sua obra musical mais politizada, e o género comumente designado de *Canto de Intervenção*, ou de *Protesto*, surgido em finais dos anos 60, em Portugal, e em português.

José Mário Branco, nasceu em 1942 no Porto, durante o regime Fascista do Estado de Novo. Desde muito cedo que a sua personalidade inquieta procurou, e, ainda procura nos dias de hoje identificar os “males” de que padecem as Sociedades actuais. A sua obra procura abrir caminho para a libertação dos povos, quer através da música, quer através da poesia, ou da política. Um humanista raro na nossa contemporaneidade, homem dos sete ofícios procura desde sempre denunciar e tornar visíveis as injustiças que povoam os nossos dias.

O José Mário Branco é um músico eclético, e singular no panorama Português, um agente social e criador único que trabalha e denuncia como poucos, a(s) mudança(s) do(s) nosso(s) tempo(s). Surgido em finais da década de 60, tornou-se músico por acidente, quando estava exilado em Paris, e não mais parou. É raro encontrar um músico tão versátil e imprevisível como José Mário...basta ouvir os seus discos. Este trabalho cinematográfico pretende entrelaçar e confrontar a mensagem da sua obra com o seu País, porque o seu trabalho como músico é um testemunho histórico, permitindo estabelecer um ponto de vista ímpar com a sua terra, e as suas gentes.

Percurso singular, a sua obra caracteriza-se pelo valor humanista, da mudança, e da libertação. Ironicamente, essa mudança é rara e injustamente compreendida pelo público, talvez por culpa das suas posições e intervenções políticas que foi tendo ao longo da vida, cristalizando-se na sua obra um carimbo ou rótulo de Intervenção que vem dos tempos de Abril rotulo esse redutor, para um eclético talento criador. Por isso tentei revelar outros aspectos, como o de activista social, compositor-camaleão, e autor de outros géneros musicais como o Fado, as marchas populares, ou o Tradicional Português, influenciado pelas Recolhas de Michel Giacometti e Lopes Graça, de modo a descobrir outras “geografias” musicais presentes na sua obra, publicamente desconhecidas ou desvalorizadas. Só ao ver e ouvir as recolhas captadas por Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça, me apercebi da enorme riqueza musical, etnográfica, e cinematográfica existente num país tão pequeno como Portugal. É caso único! Urge dizer e mostrar, pela riqueza e valor sonoro, como visual. José Mário Branco carrega essa herança ímpar, e transforma-a, recria-a no seu universo musical próprio, e oferece-nos através da sua música, de um raro e em vias de extinção Ser Português.

Este filme é um documento humanista, social, histórico, político, musical, etnográfico, e poético, de expressão portuguesa.

PONTO DE VISTA

Ponto de vista? Cinematograficamente, essa interrogação, persistiu durante algum tempo, devido à pobreza visual que se experimenta quando se está diante do som, neste caso, a partir de Música de Intervenção...

Pergunta ainda mais difícil quando estamos diante um músico, como José Mário Branco, um homem que não “guarda” imagens da sua vida.

Perante este deserto, o encontro de uma ideia-imagem que me permitisse um ponto de vista instalou uma crise, um vazio.

Todavia essa interrogação persistente foi ganhando outros olhos, a partir dos ouvidos até encontrar uma resposta que se revelou ao longo da criação do filme.

José Mário Branco é um homem que do ponto de vista cinematográfico, não oferece terra firme, porque é um músico, e um músico trabalha sobre o silêncio.

É um criador solitário, daqueles que não permite qualquer interferência ou corpo estranho na sua criação. O isolamento e a solidão são condições essenciais para a criação da sua música.

A definição de Música, como ele me disse um dia, é um trabalho sobre o silêncio, é outra coisa. Logo, tratando-se de um filme, toda a matéria visual disponível para trabalhar é muito pouca, quase invisível, uma espécie de deserto, mesmo, criando sérios riscos para a concretização de um trabalho na Sétima Arte, que se serve como matéria da imagem. Apesar do alto risco de chegar ao fim e não encontrar a luz, não desisti, e aventurei-me nessa viagem.

No Cinema sobre a Música os olhos de pouco servem. É uma espécie de viagem nocturna, de pouca luz, onde as paisagens que se desfiam são imprecisas, gigantes vultos, imprecisos e rápidos, onde sou todo Ouvido.

Muitas vezes me lembrei da experiência do J. Luc Godard quando fez o *Sympathy for the Devil*, ao afirmar que a música não é filmável. Grande verdade!

Eu não conhecia essa experiência, mas agora subscrevo essa afirmação. A música é para se ouvir, ponto. Ver é outra coisa!

Perante esta condição, tive de repensar a minha criação cinematográfica. Partir de outro lado, de outro ponto de vista. Tive de partir da audição. A partir dos ouvidos, tentar ver, porque a matéria primeira deste trabalho é o Som, a que chamamos Música.

Dentro disso encontrei a poesia, as recolhas etnográficas do Michel Giacometti encontrando assim paisagens e geografias visuais onde a música de José Mário se encontrava com a Imagem. Porque o José Mário Branco, mesmo décadas depois de Giacometti e Lopes Graça terem partido, conserva e percorre essas origens, continua o caminho que eles abriram, vai à fonte de onde essa força corre e se bebe o ser Português. JMB tal como Giacometti e Lopes Graça é feito da mesma vida que procura o saber ancestral do seu povo, do seu conhecimento secular e tradicional, que percorre os tempos através da oralidade e do contacto entre gerações, que permite nos dias de hoje redescobrir o nosso passado. De onde vimos, e para onde vamos?

Quando estamos perante a Música, a matéria é outra, estamos a comunicar noutra língua, com a sua narrativa e gramática própria. Estamos a apelar a outro *sentido*, tudo o que se possa captar ou ver diante disso, é outra coisa, todo o resto são fait-divers.

Filmar um concerto, é em si um trabalho desinteressante. Musicalmente está tudo acabado, pronto a apresentar, como a projecção de um filme. Há poucas possibilidades para o acaso, ou para o acidente. Tudo está já pré-definido, controlado pelo alinhamento das canções, há muito pouca margem, para imprevistos ou revelações.

Face a esta invisibilidade de que a música se faz, adoptei como ponto de vista o meu ouvido, e o seu diálogo com as canções.

Um filme é banda-imagem + banda-som. A partir de um ponto de vista sonoro tentei edificar este filme.

Contextualizar os temas das canções com as épocas e os protagonistas correspondentes (algumas de arquivo, outras não) que criassem uma sinestesia, tirando imagens de dentro das canções.

O ponto de vista que adoptei é conduzido pela canção RAP-FLEUVE-MUDAR DE VIDA, apresentada ao vivo em 3 partes, na sala Culturgest em Lisboa. Esta canção, devido à sua longa duração foi dividida em 3 partes, por decisão do próprio JMB, de forma a ser interpretada-alinhada no espectáculo. Porém essa divisão da canção em 3 partes não é simplesmente uma solução simples de alinhamento de espectáculo, mas um exercício de Lógica, na proposta de uma premissa, que pretende produzir uma conclusão. A forma e o conteúdo deste Rap (de género tradicional) apresentado em concerto desta forma permitiu-me desenhar uma estrutura na qual assenta o filme. Estas três partes separadas constituem uma espécie de tempo. O passado-presente-futuro. A montagem concebida desta forma tem como propósito criar uma espécie de espelho, do que fomos, somos e seremos nós a partir da segunda metade do século XX. Exercício de análise e reflexão do que é Ser Português, nos dias de hoje. Como é que aqui chegamos?? Para onde vamos??

A incitação e apelo à mudança como uma das principais características, ou se quisermos até como a síntese de toda a obra de JMB, desencadearam as condições necessárias para a narrativa apresentada neste filme. De forma livre e criativa procurei a partir das várias entrevistas e documentos de arquivo “povoar” estes universos musicais, entrelaçando-os com a sua vida, e as suas épocas. Simultaneamente recriando, re-interpretando e retratando um País e as suas gentes.

PALAVRAS CHAVE

Passado-Presente-Futuro.

Eu-Tu-Outros

Música e Revolução.

Cinema e Revolução.

Luta de Classes.

Realidade e Utopia.

Social. Politico. Humano.

Portugal histórico e contemporâneo.

Português no Mundo.

Documental. Ficcional.

Realidade e Ficção.

Géneros Musicais (Protesto, Fado, Populares, RAP)

PRÉ-PRODUÇÃO

Começou há 5 anos. A partir de um trabalho iniciado colectivamente com outros 3 colegas, ubianos, surgiu a ideia de fazer um trabalho cinematográfico, de género documental no campo social português. Sendo a música uma eterna companhia e alimento, no dia-a-dia, o ambiente académico com o tempo e equipamento audiovisual disponível contribuíram para que a ideia começasse a ganhar forma.

O nome a e a obra de José Mário Branco começaram a dar sinais de interesse e vida para um filme. A certa altura o aparecimento de um novo professor, no curso de Cinema, o grande Luís Saraiva, engenheiro de som, formado em Paris, trazia na sua experiência, dias de Paris vividos conjuntamente com JMB no exílio, em finais dos anos 60. Essas histórias de vida e trabalho em conjunto começaram a despertar em nós a escrita de um esboço. Em simultâneo o convite do realizador, José Nascimento, para um workshop de montagem dos trabalhos que iniciámos na Universidade, revelou-nos que tal como Luís Saraiva, José Nascimento, no seu passado profissional também se tinha cruzado com JMB. Pareciam ser sinais de alguma coisa... O mundo afinal é mais pequeno do que se pensa. Mostrá-mos a ideia de esboço do filme, e de imediato deram-nos o contacto telefónico de JMB. Incrédulos no que estava a acontecer, ligá-mos ao JMB. Dias depois fomos a sua casa com o guião desenvolvido, desafiando-o para fazer um filme sobre a sua vida e obra. Pediu-nos uns dias para o ler, e ficou de dar uma resposta. Semanas depois respondeu-nos que sim. Parecia um milagre...

Face a gigante desafio tentámos numa fase inicial, a via normal de produção através do I.C.A.M. Sem efeito! Porquê?? Na altura, após vários pedidos de explicação responderam-nos que o motivo era:

Universitários, de nomes desconhecidos, em formação, na Covilhã, curso novo, um colectivo, enfim...

Tentámos uma segunda vez, ao I.C.A., esta com produtor (de prestígio reconhecido), sem resultado, devido à falta de experiência dos seus autores. (naturalmente, estamos a começar...)

Tentou-se também um concurso para os Documentários na R.T.P., em 2005-2006, em efeito. Parece que caiu a direcção responsável, pelo assunto. (ainda hoje a aguardar resposta).

Tentaram-se outras produtoras, mas, não se chegou a acordo, ora por imposta nomeação de produtores e realizadores que não garantiam, como até divergiam, dos nossos objectivos.

Conclusão: Travessia no Deserto.

PRODUÇÃO

Produção, em regime de auto-produção. Desiludidos e desgastados pelo descrédito criado pelo I.C.A. demos início à produção do filme, de forma independente. Como estudantes universitários enquanto o fomos, servimo-nos do material dessa Universidade, enquanto pudemos.

As dificuldades que fomos experimentando ao longo dos tempos, aliada à ida de Erasmus para o estrangeiro, desmotivaram dois elementos do Colectivo, inicialmente criado, acabando por abandonar o projecto.

Após a Universidade. sem apoios estatais ou privados fomos filmando em função da disponibilidade que dispúnhamos.

Concertos. Entrevistas. Ensaios. Gravações de discos em Estúdio, entre outros momentos, foram sendo documentados ao longo dos anos. Sempre de forma independente e não subsidiada. Com a ajuda e disponibilidade de amigos que vamos tendo ao longo do caminho.

PÓS-PRODUÇÃO

Produzido em ambiente MAC (Final Cut).

O trabalho apresentado é o resultado de cerca de 20 dias de montagem (de forma contínua), sem qualquer correcção, equalização de som.

ARQUIVOS

FILMOGRAFIA

LOIN DU VIETNAM (1968)

Realização: Colectif S.L.O.N.

DR. EHRLICH'S MAGIC BULLET (1940)

Realização: William Dieterle

AS ARMAS E O POVO (1975)

Realização e produção: Colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica

DEUS, PÁTRIA E AUTORIDADE (1975)

Realização: Rui Simões

REPUBLICA (1975)

Realização: Robert Krammer

SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL (1977)

Realização: Robert Kramer

BOM POVO PORTUGUÊS (1980)

Realização: Rui Simões

REPUBLICA O JORNAL DO POVO (1998)

Realizadora: Ginnete Lavigne

A NOITE DO GOLPE DE ESTADO (2001)

Realizadora: Ginette Lavigne

FOTOGRAFIA RASGADA (2002)

Realização: José Vieira

GENTE DO SALTO (2005)

Realizador: José Vieira

FERNANDO LOPES GRAÇA (2006)

Realizadora: Graça Castanheira

TORRE BELA (2007)

Realização: Tomas Harlan

MAI 1968 (2008)

Realizador: Patrick Rotman

MULTIMÉDIA

<http://www.archive.org>

<http://www.youtube.com>

FOTOGRAFIAS

ARQUIVO DIÁRIO DE NOTÍCIAS

ARQUIVO JORNAL O PUBLICO

BIBLIOTECA NACIONAL

HEMEROTECA DIGITAL DE LISBOA

AGÊNCIA MAGNUM

MUSEU DA RESISTÊNCIA E DA REPUBLICA

Lisboa, Outubro de 2010